

## **O USO CORRENTE DA VARIEDADE NÃO-PADRÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE DA DERRADEIRA – MUNICÍPIO DE VALENÇA**

Taylane Santos do Nascimento\*  
(Uneb)

### **RESUMO**

Este artigo tece considerações acerca da utilização da variedade não-padrão da Língua Portuguesa no contexto social da comunidade rural da Derradeira, município de Valença. Para identificar os fenômenos linguísticos específicos, são abordados os principais tópicos da história da comunidade. Considerando que os fenômenos da língua têm razões históricas, apresenta-se nesse escrito as influências e os efeitos da Gramática Tradicional para as explicações da gênese do preconceito linguístico. Diante dos resultados da pesquisa de campo realizada da comunidade, apontam-se através de dados estatísticos as influências dos fatores externos e internos da língua para justificar a existência dos fenômenos.

**PALAVRAS-CHAVE:** VARIAÇÃO. CULTURA. SOCIOLINGUÍSTICA.

### **INTRODUÇÃO**

Na construção das bases que deram origem aos campos científicos existentes na humanidade, a interação entre os indivíduos e sua forma de comunicação (oral ou escrita) ganhou um espaço de discussão dentro de uma unidade científica maior, deixando de ser apenas do interesse sociológico, passou a ser analisada por seu caráter linguístico.

Em termos de pesquisa em Linguística Histórica, Weedwood (2002) afirma que “a língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto

Em oposição ao campo teórico da Linguística (que originou a Sociolinguística para estudar as variabilidades nas interações sociais), esteve em evidência por mais de dois séculos a Gramática Tradicional ou GT, que não permitia qualquer desvio das suas regras, chamada assim de norma-padrão/culta. Nessas condições, o pouco acesso da maior parte da população à educação formal tornava a norma padrão elitista, empregada por literatos que eram apelidados de abençoados, por ser parte mínima da sociedade a utilizá-la, o que tornava gritante as diferenças sociais e as formas de dominação.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Em observância ao universo de falantes da Língua Portuguesa do Brasil, abrangendo um total de 169.799.170 habitantes<sup>1</sup>, pesquisas linguísticas afirmam existir uma diversidade de variações tanto por questões externas (de idade, sexo, escolaridade...) ou internas às estruturas de variação estabelecidas pela Sociolinguística (variações semânticas, morfossintáticas, lexicais e estilístico-pragmáticas), conforme Bagno (2007).

Essas variações foram perceptíveis na convivência com os habitantes do município de Valença e, em específico, com os habitantes da comunidade rural da Derradeira, situadas no Baixo Sul da Bahia. Nesta pesquisa, foram utilizados questionários na investigação para caracterizá-la como pesquisa de campo ou estudo de caso. O método estatístico aleatório simples foi aplicado, com base em Mattar (2001), pois permite obter, de conjuntos complexos, representações simples e constatar se essas verificações possuem relações entre si. Com a

circunscritas, a saber: Derradeira, Bonfim, Retiro, Una-Mirim, Três Missas, Tucu-Mirim, Gereba, Quebra-Machado, Pedra da Moça e Três Jueranas. A amostra foi dividida proporcionalmente entre as dez comunidades para que a comunidade da Derradeira apresente a sua especificidade nesta pesquisa. Nesse aspecto, coube à comunidade em estudo a quantidade de 4,1 questionários. Assim, foram realizadas 11 entrevistas para que a Derradeira tenha uma amostra representativa com maior diversidade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na teoria da Variação, os fatores externos à língua(gem) são levados em conta na perspectiva de variáveis discursivas e cada uma dessas variáveis têm a sua importância para a definição de dados sólidos. Ao considerar que a procedência, a idade e o sexo são fatores exteriores à linguagem, observou-se por meio do gráfico denominado “*Diferenças entre homens e mulheres*” que, além de estarem em maior parte no número de examinadas, concentra-se no sexo feminino o maior nível de analfabetismo. Ressaltado por algumas mulheres acima de 40 anos durante a entrevista, esse número se dá tão alto por não disporem de oportunidade de frequentar a escola, pois casaram em idade escolar e logo formaram família. A ausência de escolas próximas às residências destacou-se também como um dos fatores que impediram o acesso à alfabetização. Já no sexo oposto, os homens justificam os dados acima baseados nas atividades agrícolas que iniciavam quando crianças, não dispondo de tempo de condições financeiras para conduzir os estudos.

Conforme relato de habitantes da Derradeira os indivíduos

substitutiva do referido pronome na fala, o “a gente”, determina, em muitos casos, o nível de escolaridade, a procedência e a idade do falante que as profere. Segundo Omena (1978), que desenvolve estudos gramaticais sobre a ocorrência de *nós* / *a gente*, a variante *a gente* pode incluir a indeterminação que usualmente falta quando se utiliza o *nós*.

A preferência por *a gente* torna a conversação mais informal, embora as pessoas, pelo uso habitual, utilizem essa expressão até nos discursos mais formais, o que inclui, em muitos casos, a escrita. Há de notar a predominância o uso de “nós” sem a devida concordância, pois a maioria dos entrevistados possui idade mais avançada e tendem a serem mais conservadores na utilização da língua. O fenômeno da não-utilização da concordância adequada se deve ao fato dos muitos vícios da fala rural, conforme explica Bagno (2007). Durante as entrevistas, observou-se constantemente nos discursos que esses falantes da Derradeira possuem um sistema fonético próprio no qual as palavras não são providas do encontro consonantal com “L”. Trata-se do surgimento de um traço descontínuo, que é o desvio da norma padrão que evidencia as possibilidades de o falante sofrer preconceito. Outros traços localizados nas expressões “calvão”, para representar “carvão”, e “telça-feira”, para representar “terça-feira”. A esse fenômeno de substituição do “R” pelo “L” dá-se o nome de *lambdacismo*.

## CONCLUSÃO

A investigação nessa pesquisa não é para identificar os erros, propôs-se a identificar aquilo que a comunidade da Derradeira tem de peculiar. Cada momento da história brasileira e baiana teve grande

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz.** 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa.** 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **A língua de Eulália: novela sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

**IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia Estatística** <[http://www.ibge.gov.br/brasil\\_em\\_sintese/default.htm](http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm)> Acesso em 16/11/08.

**IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia Estatística** (Agência Valença). Rua Barão de Jequiçá, 148, 1º Andar – Centro. CEP: 45.400-000.

LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 1991.

LOPES, A.; MACEDO, E. **Currículo: debates contemporâneos.** São Paulo: Cortez, 2005.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing.** São Paulo: Atlas, 2001.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, E. O. S. **Valença: dos primórdios à contemporaneidade.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2006.

OMENA, N. P. de. **As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito.** In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. Padrões sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 309 – 324.